

Por Fernanda Cruz

O ministro da Saúde, Ricardo Barros, afirmou hoje (15) que não incentiva o governo a aumentar os impostos para o financiamento do setor.

“Eu não vou patrocinar, dentro do governo, uma tentativa de que a área da saúde seja o oásis e o resto seja o deserto, porque não vai funcionar. O governo é um só, e nós temos que conviver, disputando, dentro das prioridades do governo, a fatia da saúde”, disse Barros, que participou nesta sexta-feira de debate com dirigentes de entidades médicas de todo o país na sede da Associação Médica Brasileira, em São Paulo.

Segundo o ministro, o objetivo é “fazer mais com os mesmos recursos”, tomando medidas para reduzir o desperdício. Barros deu como exemplo o caso de centenas de unidades de pronto-atendimento (UPA) que foram concluídas e equipadas e estão fora de uso.

Informatização

De acordo com o ministro, a informatização da rede do Sistema Único de Saúde (SUS) será a prioridade número 1 do governo, que, com isso, espera reduzir a corrupção. “A informação é inimiga da fraude. Com informatização, alguém vai perder uma boquinha com desvio de medicamentos, de insumos da saúde. Isso tudo vai acabar”, afirmou.

Com o sistema, que usará biometria, os usuários serão identificados pelo CPF, o que facilitará a compensação automática dos custos quando um usuário de plano de saúde usar o SUS. Os atendimentos a pessoas estrangeiras, que, a cada consulta, geram um novo número do SUS, também serão resolvidos com a informatização.

Gastos com exames

Barros disse que o SUS precisa reduzir o desperdício com a realização de exames, já que 50% deles sequer são retirados pelos pacientes e 80% dão resultado normal. “Temos que mudar a cultura do brasileiro de que, se não sair com pedido de exame, não fez a consulta. Não temos dinheiro para ficar fazendo exames e dando medicamentos que não são necessários, só para satisfazer a pessoa que quer achar que foi bem atendida no posto de saúde.”

Para o ministro, a telemedicina, pé alternativa para diminuir gastos com viagens de pacientes, que precisam se deslocar de cidades pequenas do interior para os grandes centros, onde é possível o diagnóstico. “As pessoas viajam demais para ter atendimento de saúde. A medicina tem que ir para perto das pessoas”, acrescentou.

Fonte: [Agência Brasil](#), em 15.07.2016.